

A educação do homem culto – o norte-rio-grandense Juvenal Lamartine de Faria (1874 – 1956)

Marta Maria de Araújo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
martaujo@digicom.br

Cristiane Moreira Lins de Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
cristiana_lins@yahoo.com.br

Eu não temo a mocidade. Ao contrário, nela me revejo e me orgulho como os pais nos filhos, porque será ela que continuará o meu trabalho e as minhas idéias. Da mocidade me aproximo e a encorajo e a estímulo. Nela confio porque as minhas idéias são votadas à grandeza da terra comum (Juvenal Lamartine, 1928)

Resumo

Por meio de vestígios históricos relativos à educação escolar primária, secundária e superior do norte-rio-grandense Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956), o texto discute a educação do “homem culto” nascido às vésperas da República e pertencente a uma elite política, social e econômica. A educação desse “homem culto” seria resultante tanto de uma formação escolar de natureza literária, científica, moral, pedagógica e jurídica quanto originária da militância política, da atuação na imprensa e da leitura dos clássicos.

Palavras-Chave

Educação escolar, homem culto, Juvenal Lamartine.

A educação do “homem culto” esteve no cerne das finalidades educacionais do século XIX e início do século XX no Brasil. Os colégios secundários e os cursos de ciências jurídicas e sociais destinaram-se a proporcionar uma formação mais ou menos homogênea, no plano intelectual, científico ou pedagógico, desse “homem culto”, que pertencia a uma elite política e econômica.

Juvenal Lamartine de Faria foi um desses “homens cultos” que fazia parte da chamada geração de homens nascida com a República, de que falou Licínio Cardoso (1981). Nascido em Serra Negra (RN), em 9 de agosto de 1874, era filho de Clementino Medeiros de Faria e Paulina U. Monteiro, provenientes das elites política e econômica da região do Seridó. Iniciou seus estudos de primeiras letras com seu pai, homem de costumes severos, para depois, em 1882, aos oito anos de idade, freqüentar a “sala de aula” do mestre-escola Antônio Carlos de Medeiros.

Seguidor dos preceitos da chamada pedagogia tradicional, o mestre-escola Antônio Carlos comportava-se com excessivo rigor no ato de ensinar e de “tomar” as lições de seus alunos, fazendo uso, como o próprio Lamartine conheceu, “de uma *palmatória de madeira pesada*, angico ou pau-d’arco, para castigo dos alunos que não sabiam das lições, não apresentavam a escrita com boa caligrafia, limpa de nódoa ou de tinta ou erravam nos exercícios de taboada.” (LAMARTINE, 1965, p. 37).

Em 1890, Juvenal Lamartine iniciou o curso secundário em Caicó, na conceituada “Escola de Gramática Latina”, fundada possivelmente em 1803 pelo Padre Francisco de Brito Guerra, que exerceu os mandatos de Deputado e Senador Imperial pela Província do Rio Grande do Norte, de 1831 a 1845.

Freqüentando apenas por um ano o curso secundário nessa Escola de Gramática Latina, Lamartine estudou Latim, Português, Francês, Lógica, Retórica, Gramática e Literatura dos clássicos da língua latina. “A escola de latinidade em Caicó” possibilitou, a muitas gerações seridoenses, a desenvolvimento de uma mentalidade intelectual, política e cultural condizente com o preparo do homem culto (SANTA ROSA, 1976, p. 120).

Em 1891, cinquenta e sete anos passados da iniciativa política do Presidente Basílio Quaresma Torreão de criar, em 1834, o Colégio Atheneu de Natal, e em meio à organização republicana do Estado do Rio Grande do Norte, arquitetada pelo Governo Pedro Velho de Albuquerque Maranhão (1892-1895), Juvenal Lamartine mudou-se para Natal, objetivando prosseguir o grau secundário no Atheneu Norte-Riograndense.

Sendo o Atheneu Norte-Riograndense voltado para a “formação integral” do “homem culto,” Juvenal Lamartine, no período de 1891 a 1893, cursou as disciplinas de *Português e Literatura Nacional* (prof. Augusto Carlos de M. L’Eiraistre), *Latim* (prof. João Tiburcio da Cunha Pinheiro Junior), *Francês* (prof. Hermógenes Joaquim Barbosa Tinoco), *Inglês* (prof. Odilom de Amorim Correia), *Geografia Geral e Especial do Brasil e Astronomia* (prof. Joaquim Manoel Teixeira de Moura), *História Geral e Especial do Brasil* (Augusto Tavares de Lyra), *Sociologia, Moral e Pedagogia* (prof. Braz de Andrade Mello), *Aritmética e Álgebra* (prof. Francisco Pinto de Abreu), bem como *História Natural, Física, Química, Música, Desenho, Trigonometria e Ginástica* (Mensagens Governamentais, 1893 e 1894; A República, 1892). À exceção de Grego, Alemão, Evolução Militar e Esgrima, a “grade curricular” do Atheneu estava de acordo com as disciplinas previstas na Reforma Benjamin Constant, que renovou o ensino secundário através do Decreto nº 891, de 08 de novembro de 1890.

As disciplinas de caráter literário eram: (Português, Literatura Nacional, Música, Latim, Francês, Inglês, História Natural, História Geral e Especial do Brasil, Geografia Geral e Especial do Brasil e Sociologia); as de natureza científica foram: (Aritmética, Álgebra, Física, Química, Geometria, Trigonometria, Desenho, História Natural, Astronomia, Evolução Militar, Esgrima e Educação Física) e as de fundamentos morais e pedagógicos seriam: (Sociologia, Moral e Pedagogia).

À exceção de Grego e Alemão, a “grade curricular” do Atheneu Norte-Riograndense equivalia à do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, prevista pela Reforma Benjamin Constant, que renovou o ensino secundário de conformidade com o Decreto nº 891, de 08 de novembro de 1890.

A formação literária, científica moral e pedagógica de nível secundário propugnada pelo Atheneu Norte-Riograndense visaria “atender aos objetivos de transmitir, via escola, os conhecimentos mais adequados à vida individual e social e, conjuntamente, desenvolver o poder e a capacidade de usar o conhecimento adquirido” (VALDEMARIN, 2000, p. 169).

No ano de 1893, dois anos após ingressar no Atheneu Norte-Riograndense, Lamartine juntamente com os colegas de militância política fundaram o “Grêmio Literário Natalense” e o seu periódico O Athleta, a primeira sociedade estudantil estadual nascida no regime republicano (BARROS, 2000), da qual foi seu primeiro presidente. Nesse mesmo ano, colaborou com outro periódico, O “Potyguar”, órgão do “Clube Recreio Juvenil”. Por meio desses veículos literários, procuraram os seus editores e colaboradores dar projeção às idéias de cultura, de educação e de política de cariz liberal e republicano para um público ampliado.

Inteligência inquieta, estudante político e intelectualmente engajado, Lamartine, no ano de 1893, tornar-se-ia o principal líder da primeira greve estudantil do Rio Grande do Norte, que provocou o fechamento do Atheneu Norte-Riograndense, por ordem do Governador Pedro Velho, como veremos a seguir.

Nesse ano de 1893, o Governador Pedro Velho convidou o Desembargador e também prof. do Atheneu, José Clímaco do Espírito Santo, para assumir o cargo de Vice-Diretor desse estabelecimento de ensino secundário, com o que não concordaram as lideranças estudantis, a exemplo de Lamartine, por serem as aulas do prof. Espírito Santo demasiadamente fracas, na opinião da maioria expressiva de seus alunos.

Antipatizado pelos alunos do Atheneu Norte-Riograndense que o apelidaram pejorativamente de “Desembargador papa-ovo”, resolveu o Desembargador Espírito Santo comunicar ao Governador Pedro Velho que somente voltaria a dar aulas se ele garantisse manter a ordem. Ora, como destaca Souza (1989, p. 227), “Pedro Velho era autoritário e costumava dizer aos amigos: ‘façam o progresso, que eu mantenho a ordem.’”

Posto diante do desafio de manter a ordem, no dia 11 de outubro de 1893, o Governador Pedro Velho ordenou que quarenta praças comandados por um oficial do Corpo de Segurança cercassem o prédio do Atheneu Norte-Riograndense, com a missão de impedir que o Desembargador Espírito Santo fosse chamado pela turma de Lamartine de “Desembargador papa-ovo”.

Essa providência foi seguida da nomeação do Desembargador José Clímaco do Espírito Santo para Vice-Diretor do Atheneu Norte-Riograndense. Para a mocidade estudantil engajada no movimento estudantil da época, o ato de insensibilidade política do Governador Pedro Velho, além de representar um *desrespeito dos direitos estudantis*, contribuía, acima de tudo, para rebaixar a instrução pública do Estado.

Revoltados com a decisão autoritária do Governador, os estudantes secundaristas, tendo à frente Juvenal Lamartine, protestaram com a suspensão de suas próprias aulas, com a montagem de “barricadas” nas proximidades do prédio do Atheneu e com a divulgação de uma Carta Aberta, intitulada “O Nosso Protesto”, publicada no Jornal “O Nortista”, no dia 11 de outubro de 1893, escrita por Juvenal Lamartine e assinada pelos alunos integrantes desse movimento como o próprio Juvenal Lamartine, José Bernardo Filho, João Alfredo, Gonçalo do Rego Monteiro, José Ribeiro Paiva, Anízio Vieira de Melo, José Albuquerque Lacerda, Aurélio Bandeira, dentre várias outras lideranças.

Nessa Carta Aberta – “O Nosso Protesto” – as lideranças estudantis manifestaram publicamente, o repúdio ao ato autoritário do Governador Pedro Velho, conforme denuncia a matéria abaixo:

Estudantes do Atheneu desta capital, viemos á imprensa protestar contra o ato atentatório e deprimente do Sr. Governador d’este Estado, Dr. Pedro Velho d’Albuquerque Maranhão, que mandou, hoje as 10 horas da manhã, pôr em uma espécie de sitio o edificio Atheneu, colocando grande parte do Corpo de Segurança, ao mando do capitão Caldas Sobrinho, na calçada do mesmo e nas suas imediações, com o sinistro plano de coagir-nos e de intimidarmos afim de que não podessemos palestrar, ou ter liberdade para qualquer outro ato, ou ação inofensiva, e próprio, de moços em suas livres e expansivas reuniões.

Esse ato do governador dr. Pedro Velho, contra a mocidade, é mais um atentado de violência e revela a baixeza dos sentimentos de Sua Excia e do descrédito a que tem arrastado esta pátria preza de uma maldade aventureiros que aviltaram entre nós o governo republicano e o ensino publico.

O Sr. Dr. Governador engana-se. A mocidade ergue-se mesmo entre as baionetas e as espadas do seu “Corpo de Segurança”, para pugnar pela dignidade de sua classe e pelos bríos desta terra que s. ex. tem conspurcado e sevandijado.

Evitaremos a ponta dos saberes, por que não somos capangas, nem andamos armados de “box” como seus desembargadores congressistas, mas saberemos protestar, como protestamos, contra esses atos de canibalismo que ainda mais atiram Sua Excia. para as profundezas do descrédito onde se acha abismado.

Protestamos também contra essa noticia torpe e aleivosa – de desacato publico – que publicou o “Caixeiro” de hoje, em ultima hora, um pasquim de Sua Excia., em que se diz que os estudantes, ou crianças malcriadas como diz o “porta-voz” do Governador, formão “planos de conspiração” por sugestões de políticos adversários de Sua Excia. na Botica, o que é uma infâmia e uma calunia que os “mandões perseguidores” da mocidade não serão capazes de provar.

Nós estudantes, não somos políticos, e nem servimos a plano algum de politicagem; condenamos, sim, em nome do que pundonor norte-rio-grandense, o predomínio dos aventureiros que prejudicam nossos direitos rebaixam a instrução pública do Estado e desmoralizam a nossa terra.

Contra esses, a mocidade digna ha de protestar sempre – aconteça o que acontecer. O despotismo da força ha de ruir por terra, para ergue-se o poder da ciência que a mocidade estudiosa defenderá sempre (CARTA ABERTA – O NOSSO PROTESTO, 1893, p. 1).

Natal, 11 de outubro de 1893

O Jornal “O Nortista,” de propriedade do prof. Elias A. Ferreira Souto, arquiinimigo do Governador Pedro Velho, em seu exemplar de 24 de novembro de 1893, traz uma nota intitulada “Exames Preparatórios,” como que afirmando o apoio aos estudantes do Atheneu Norte-Riograndense e o repúdio ao ato autoritário de Pedro Velho. Assim dizia a nota:

No vizinho Estado da Paraíba estão abertas, até 30 do corrente, às inscrições para esses exames, que não tem lugar aqui, porque o Dr. Pedro Velho entendeu que devia sacrificar o ensino público aos caprichos diabólicos do famigerado Desembargador José Clímaco do Espírito Santo, e mandou trancar o Atheneu!

Podem tranqüilos para ali seguir, a fazer os seus exames, os nossos jovens patricios que, acreditamos, o hospitaleiro povo dali, não os receberá com as chifas de chama-mares e vaias, com que o Dr. Pedro Velho, e seu carrilho, mandaram aqui receber os empregados vindo daquele estado para o serviço do nosso porto. Felizmente o povo paraibano sabe que tudo isso foi obra do pedrovelhismo, despeitado, corrompido, e indigno de uma ação nobre (EXAMES PREPARATÓRIOS, 1893, p.2).

Em resposta imediata à Carta Aberta “O Nosso Protesto”, o Governador Pedro Velho autorizou o fechamento do Atheneu Norte-Riograndense por tempo indeterminado, medida justificada pela premente necessidade de promover uma reforma educacional, ficando os estudantes concluintes prejudicados pela não aplicação dos exames preparatórios de final de curso.

Diante da decisão de Pedro Velho de fechar o Atheneu Norte-Riograndense, Juvenal Lamartine transferiu-se para o Liceu da Paraíba em João Pessoa, com fins de concluir o curso secundário, o que aconteceu no ano seguinte, em 1894. Ao finalizar essa etapa de sua educação escolar, Lamartine ingressou no Curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de Direito do Recife, tradicionalmente dirigido para a formação de uma elite dirigente do país.

Concomitantemente aos estudos jurídicos e sociais na Faculdade de Direito do Recife, Lamartine escreveu artigos para jornais norte-rio-grandenses, a exemplo do Jornal “A Republica” e “O Nortista” e para a então Revista da Faculdade de Direito. Seus artigos versavam especialmente sobre economia, riquezas minerais e vida sertaneja. Sobre essas e outras produções intelectuais de Lamartine, Cascudo fez o seguinte depoimento, espécie de homenagem:

Lamartine desenhava com palavras justas o sertão de todas as épocas. O sertão de estio — seco. O sertão do começo do inverno. O sertão da labuta pastoril, digamos o termo ressuscitando as gerações de rastejadores, de vaqueiros de tradição indômita, de pegadores de reses fugitivas, dessas festas também culinárias — enfim esses ângulos que só podiam viver diante das testemunhas. Isto era dito com naturalidade, com aquela memória fabulosa de recordar os homens, as datas e às vezes os pormenores da própria indumentária (CASCUDO, 1994, p. 17).

Concluído o Curso em 2 de dezembro de 1897, bacharelado-se em Ciências Jurídicas e Sociais, Lamartine foi escolhido para ser o orador de sua turma, certamente em face de sua condição de aluno laureado, status que lhe permitiu ser agraciado com uma bolsa de estudo para fazer pós-graduação em uma universidade francesa. Preferiu, porém, voltar para o Rio Grande do Norte e seguir a carreira de jurista, de intelectual, de homem público, por excelência.

Retornando para seu estado natal, em 1897, Lamartine foi professor de Geografia e Vice-Diretor do Atheneu Norte-Riograndense (1898), Juiz de Direito (1893-1903), Vice-Governador do Estado (1904-1906), Deputado Federal (1906), Senador da República (1927) e Governador do Rio Grande do Norte (1928-1930). Republicano e partidário do federalismo, Lamartine no Congresso Nacional foi um convicto defensor do direito político de a mulher votar e ser votada e, ainda, um dos

porta-vozes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, presidida pela bióloga Berta Maria Júlia Lutz.

No governo do Rio Grande do Norte, a educação escolar ao lado da cultura tornaram-se prioritárias. Durante o seu governo promoveu a expansão da educação escolar primária e profissional e organizou a “Temporada Literária de 1930.” O político, educador e o intelectual Juvenal Lamartine (1992, p. 4) empenhado na organização de uma cultura republicana sólida e pragmática costumava argumentar: “urge que nos eduquemos. É preciso cuidar, antes de tudo, do fator homem, de cujo revigoramento físico e mental depende, não só o progresso econômico e moral do Brasil, como a solidez das nossas instituições democráticas.” Foi Juvenal Lamartine segundo o filho Osvaldo Lamartine, (1994, p. 13), “um devorador dos livros” de Ernest Renan, Emilio Castelar, Gabrielle D’Anunzio, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, Machado de Assis, dentre muitos outros.

Bibliografia

BARROS, Eva Cristini Arruda Câmara Barros. **Atheneu norte-Riograndense: práticas culturais e a formação de uma identidade (1892- 1924)**. 2000. 182f. Tese (Doutorado em Educação, História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARTA ABERTA – “O NOSSO PROTESTO”, **O Nortista**, Natal, 11 out. 1893.

CASCUDO, Luís da Câmara. O causeur. In: **Juvenal Lamartine de Faria (1874- 1956)**. Natal: Fundação José Augusto, 1994.

CARDOSO, Vicente Licínio. Prefácio. In: CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). **À margem da história da República**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981 (v.1).

EXAMES PREPARATÓRIOS. **O Nortista**, Natal, 24 de nov. 1893.

FARIA, Juvenal Lamartine de. Eu não temo a mocidade. **A República**, Natal, 7 jun. 1928.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

_____. **O meu governo**. Mossoró: ESAM, 1992 (Coleção Mossoroense).

LAMARTINE, Osvaldo. Juvenal Lamartine, o meu pai. In: **Juvenal Lamartine de Faria (1874- 1956)**. Natal: Fundação José Augusto, 1994.

SANTA ROSA, Jayme Nóbrega. A linguagem do seridoense – a influência do português arcaico e do clássico. **Tempo Universitário**, Natal, v.2, n.1, p.109-127, jan./jun. 1979.

RIO GRANDE DO NORTE. **Mensagem do Governador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e Relatórios apresentados pelos Chefes das Repartições Públicas Estaduais do Rio Grande do Norte**. Natal: Typografia d'A Republica, 1893.

RIO GRANDE DO NORTE. **Mensagem do Governador Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e Relatórios apresentados pelos Chefes das Repartições Públicas Estaduais do Rio Grande do Norte**. Natal: Typografia d'A Republica, 1894.

SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte (1889-1930)**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

VALDEMARIN, Vera Tereza. **O Liberalismo demiurgo: estudo sobre a reforma educacional projetada nos Pareceres de Rui Barbosa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

Artigo recebido em 9/2004.

Aprovado em 9/2004.